

Coluna do Castello

Espaços próprios para a solidão

Brasília — Numa conversa informal, lembrava o Ministro Ibrahim Abi-Ackel que, durante a última guerra mundial, uma bomba alemã destruiu a sala de reuniões da Câmara dos Comuns. Houve um debate sobre a reconstrução da tradicional sede do Parlamento inglês e o tema em discussão resumia-se em saber se devia ser construída uma sala de sessões moderna, segundo normas arquitetônicas atualizadas, ou se se deveria simplesmente restaurar o velho templo da democracia inglesa. Prevaleceu a opinião de Churchill: reconstruir tal como era o plenário da Câmara dos Comuns, sob a alegação de que o regime político imperante na Inglaterra resultava da arquitetura da sua Câmara.

Lembrou-se a seguir a arquitetura da Assembléia francesa com seu famoso hemicírculo, dentro do qual se situam as bancadas, evoluindo da direita para a esquerda numa distribuição que iria ter reflexo na terminologia e até mesmo na ideologia dos partidos. Esquerda e direita são expressões e estados de espírito nascidos do hemicírculo da *Chambre des Députés*.

Mas o assunto veio à baila a propósito das sumptuosas instalações do Congresso brasileiro, as quais compõem pela sua extensão e grandiosidade um complexo arquitetônico que rivaliza em dimensão com o Palácio Vaticano. Poucos palácios no mundo terão as dimensões desse conjunto de plenários, salões, auditórios, gabinetes e serviços que se espalham por um gigantesco pavilhão central e cinco, seis ou sete anexos. Curso que dois piauienses, nascidos em Estado pobre e habitado por população modesta nas suas aspirações, tenham contribuído para estender as instalações do Congresso.

Um deles foi o falecido Senador Petrônio Portela, que construiu o Centro de Computação e o imenso auditório que tem o seu nome, amplo e completo, além de ter refeito o plenário do Senado. O outro foi o Sr Flávio Marcílio, deputado pelo Ceará mas piauiense e parente próximo dos Portela. Ele construiu o sumptuoso Anexo IV da Câmara dos Deputados, ao qual se tem acesso por uma esteira rolante, tão distante está do edifício central e dos dois anexos de 28 andares, que definem, junto com as cúpulas, a fisionomia externa do Palácio. Sabe-se, aliás, que, a pedido do Senador Petrônio Portela, Oscar Niemeyer projetou um terceiro plenário, o plenário do Congresso, em forma de uma imensa flor a nascer no coração do jardim que atualmente embeleza o acesso ao Congresso. Há sempre o perigo de o Sr Marcílio descobrir essa planta e obter recursos para erguer esse extravagante plenário que daria ao Congresso brasileiro a característica de parlamento tricameral.

Mas é também notável que a expansão dos edifícios das Câmaras Legislativas tenha se dado ao longo do período em que cessou seu poder político. Distraíram-se deputados e senadores em preparar com o máximo de requinte instalações definitivas e complexas para que, quando fosse oportuno, o Congresso pudesse ali funcionar e ali produzir leis na plenitude dos seus poderes suspensos pelo processo militar. Hoje tem-se de tudo, embora nem sempre seja possível tudo prever. O aumento do número de deputados ameaça tornar precárias as instalações ampliadas pelo Sr Flávio Marcílio. E perdura de quatro em quatro anos a ameaça de aumentar o número de representantes, o que contribuirá para novas expansões da arquitetura como para menor eficiência dos trabalhos. Grandes assembléias funcionam com menos eficiência do que as menores. A Câmara dos representantes dos Estados Unidos há mais de um século tem número fixo de deputados — 420, que se redistribuem segundo o deslocamento interno da população, nunca para atender a objetivos políticos.

Mas há ainda o que dizer a propósito das instalações da Câmara e aí voltamos a registrar a opinião do Ministro e Deputado Abi-Ackel, que, apesar de reconhecer a beleza do plenário da Câmara, o considera inadequado para a convivência dos deputados e pouco estimulante para que nele permaneçam e se agrupem em blocos homogêneos os diversos setores da representação popular. As tribunas a seu ver situam-se muito acima do que deviam e o diálogo entre o orador e o plenário carece de calor. Isso explicaria o quase permanente vazio no qual vive o plenário da Câmara.

Acrescenta o ministro que a dispersão provocada pelos numerosos anexos, as sedes das comissões e os gabinetes privativos contribuem para a solidão do deputado e para a falta de intimidade entre eles. "Nós deixamos o plenário" — diz ele — "e partimos na direção de nós mesmos". O Sr Flávio Marcílio, que está-se candidatando pela terceira vez à presidência da Câmara, deve conter-se no seu ânimo de dar conforto a deputados. Eles precisam mais agora de restaurar sua faixa de competência — como o mesmo Marcílio o entendeu nos últimos anos — do que de mais gabinetes, onde se situam secretários e assessores que crescem tanto quanto os efetivos da burocracia nos Estados em períodos eleitorais.

Um outro deputado diz ainda que da dispersão da Câmara emergem surpresas. De vez em quando, descobre-se que num dos andares mais altos do anexo semi-abandonado funciona o grupo que decide sobre viagens. Em outro há os que têm o monopólio da distribuição de apartamentos etc. E isso um deputado novo custa a perceber.

Carlos Castello Branco